



Recebido em: 20 de nov. 2024 | Aprovado em: 16 dez. 2024
| Publicado em: 20 dez. 2024

DOI: 10.5433/1984.2024v21n36p142

Geografia e cinema - um elo entre imagens em movimentos e a percepção ambiental

Geography and cinema - a link between moving images and environmental perception

Maria Luzia Ferreira Santos¹

Eloiza Cristiane Torres²

RESUMO

O texto discute o uso do cinema como ferramenta para ampliar o debate sobre o ensino da Geografia e a percepção do meio ambiente. Essa integração promove um ensino mais diversificado e dinâmico, utilizando a linguagem filmica para despertar reflexões sobre diferentes conceitos, como os estudos relacionados as categorias da Geografia: paisagem, lugar, região e território. Com base em uma revisão de literatura fundamentada em pesquisa bibliográfica, conclui-se que a linguagem filmica tem o potencial de ampliar a compreensão das complexas interações entre o meio ambiente e os seres humanos, além de inspirar transformações e novas perspectivas, abrindo caminhos para sua transformação e superação.

Palavra-chave: Geografia; Cinema; Linguagem Filmica; Meio Ambiente.

ABSTRACT

The text discusses the use of cinema as a tool to broaden the debate on Geography education and environmental perception. This integration fosters a more diverse and dynamic teaching approach, employing cinematic language to inspire reflections on various concepts, such as

¹ Doutora em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina/UEL/PR.

² Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Professora associada da Universidade Estadual de Londrina, (DGEO/UEL e PPGEU/UEL).

studies related to the categories of Geography: landscape, place, region, and territory. Based on a literature review grounded in bibliographic research, it is concluded that cinematic language has the potential to enhance understanding of the complex interactions between the environment and humans, as well as to inspire transformations and new perspectives, paving the way for change and improvement.

Keywords: *Geography; Cinema; Film Language; Environment.*

1. INTRODUÇÃO

O cinema no século XXI se constitui como um elo poderoso entre a Geografia e o meio ambiente. O vínculo construído entre essa tríade proporciona uma rica abordagem que tende a ampliar a compreensão e a experiência educativa por meio do processo interdisciplinar e do exercício da percepção ambiental. Por meio do cinema, é possível ampliar o campo de debate sobre o ensino da geografia e suas diferentes vertentes de conhecimento, como os estudos relacionados as categorias da Geografia: paisagem, lugar, região e território, além de contribuir para a construção de uma percepção ampla e inclusiva.

Diversas obras cinematográficas abordam a questão ambiental, e tratam de forma profunda e estratégica diferentes realidades e condições que se apresentam em cenários e territórios, que muitas vezes se encontra em grande tensão social.

Assim, o diálogo entre Geografia, Cinema e meio ambiente permite que se realize uma análise de uma maneira singular e profunda em relação as imagens em movimento. Desse modo, tornar-se possível compreender e consequentemente transformar e transpor a complexa relação estabelecida entre meio ambiente e seres humanos.

Conforme Fioravante e Ferreira (2016), enquanto fonte de informação e documentação geográfica, o cinema como recurso pedagógico utilizado no ensino de Geografia, sempre foi empregado com certa tradição em sala de aula. Dito isso,

nos referimos ao fato de que os filmes por vezes são empregados sem uma metodologia específica ou linha narrativa que possa alinhavá-los ao trabalho interdisciplinar.

A articulação entre Geografia, cinema e meio ambiente gera uma sinergia de processos e, por meio dos quais, ocorre uma abertura à diversidade social e cultural. Em relação à Geografia, é possível pensar em diferentes e novas possibilidades de ensino, onde entendemos o cinema como uma ferramenta capaz de gerar estratégias e multiplicar ações que contribuam para a criação de aulas diversificadas e dinâmicas. Tendo em vista que a linguagem fílmica possui a capacidade de potencializar e de despertar compreensões acerca de diferentes conceitos.

Este trabalho constitui-se como recorte da tese de Doutorado, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina/PR, e teve como objetivo analisar o uso da produção de filmes de animação em stop motion, voltados para a prática de Educação Ambiental em escolas públicas da rede estadual e municipal do estado de Rondônia.

Sendo assim, este artigo apresenta uma revisão de literatura, conduzido por meio da pesquisa bibliográfica (Gil, 2002), à luz dos autores, Dias (2021), Pimenta e Ferraz (2014), Azevedo et al. (2015), Sousa (2016), Turner (1997), Castro (2013), Duarte (2002) entre outros.

2. O ACONTECIMENTO CINEMATOGRAFICO NA GEOGRAFIA

O cinema assim como outras artes da sociedade, suas manifestações e percepções compreende uma intrincada relação com as dimensões cognitiva, estética e política sobretudo no âmbito da cultura histórica. Portanto, os filmes sendo produtos resultantes da ação cinematográfica, compreendem manifestações de valores, concepções e sentimentos, é sobretudo a construção de uma linguagem.

Linguagem que alcança diferentes segmentos da sociedade e possui a capacidade de permanecer no indivíduo, gravar e imprimir uma mensagem, à medida

que suas imagens carregadas de subjetividades e intencionalidades nos atravessam cotidianamente.

Conforme Marinho e Santos (2021), a presença do audiovisual por meio do cinema, tem sido cada vez mais acessível as pessoas. Destarte para a década de 1990, onde uma geração cresceu em meio ao fácil acesso às produções cinematográficas.

O consumo dessas produções começou em frente as programações televisivas, com as fitas de VHS (*Homer System*) em lojas de locação, que logo evoluíram para os DVDs (*Digital Versatile Disc*), e posteriormente enveredou para os sites de hospedagens de filmes que atualmente compete com as plataformas de streaming. Essa prática tem sido um ato comum e cotidiano, praticado de forma religiosa segundo os autores.

As produções cinematográficas estão carregadas de uma geograficidade, estando presentes de forma clara nos filmes, uma vez que se estabelecem em um espaço delimitado, restrito/específico, do qual se apropria para construir suas narrativas. Assim, torna os filmes passíveis de serem utilizados como metodologia alternativa para trabalhar determinados conteúdos geográficos em sala de aula.

Sendo assim, o cinema se constitui por meio da apresentação de filmes, uma linguagem que também é uma prática social, que influencia pessoas, constrói ideias, cria estigmas e legitima ações. Para Marinho e Santos (2021, p.338), “identifica-se uma Geografia nos/dos filmes, isto é, a apresentação de espaços, lugares, territórios, paisagens e metáforas que nos possibilitam analisar e identificar a intrínseca relação entre a Geografia e as produções cinematográficas”.

De acordo Duarte (2002), ao observamos que o cinema e seus filmes têm grande influência na formação de aspectos culturais, ditando moda, gostos, percebe-se como ferramenta de disseminação e manipulação em escala global. Portanto, “filmes não são eventos culturais autônomos, é sempre a partir de mitos,

crenças, valores, e práticas sociais das diferentes culturas que narrativas orais, escritas ou audiovisuais que ganham sentido” (Duarte, 2002, p. 44).

Dessa forma, enquanto dispositivo de linguagem, visto como meio de expressão com grandes potencialidades para contribuir com a cognição histórica dos estudantes, tendo em vista que apresenta diferentes problemáticas tanto no âmbito das reflexões teóricas sobre sua relação com o conhecimento histórico, quanto ao aspecto da proposição metodológica de formas eficazes, o trabalho pedagógico com filmes tende a resultar em uma aprendizagem significativa e qualificada.

Turner (1997), em seus estudos aponta que os irmãos franceses Auguste e Louis Lumière foram os primeiros a projetar um filme animado para uma plateia. Nos Estados Unidos, destacavam-se outros pioneiros do cinema, como Thomas Edison.

No entanto, os Lumière acreditavam que seu trabalho com imagens animadas seria direcionado para uma pesquisa científica, estando longe da criação de uma indústria do entretenimento. Durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), os franceses permaneceram no topo do mercado cinematográfico internacional. Dessa forma, foi construída uma visão ao longo das décadas que percebe o cinema como um reflexo ou indicador dos movimentos da cultura popular do século XX.

Contudo Turner (1997), nos traz a reflexão de que o cinema é uma construção social que incorpora várias perspectivas e aponta diferentes vieses. Ainda que pese o manto de uma análise estética contínua, o cinema vai além da ideia de entretenimento, pois trata de narrativas complexas, aprofunda elementos paradoxais para se estabelecer como prática social e cultural. Para o autor, o cinema pode ser tanto uma forma de arte distinta quanto um reflexo do mundo ao nosso redor. As discussões que se apresentam nos textos sobre a teoria do cinema, envolvem um debate que gira em torno do formalismo/realismo.

Trata-se de um debate que expõe o formalismo em sua análise de arte cinematográfica em si mesma, destacando suas qualidades formais e estéticas. Por

outro lado, o realismo concentra-se na relação do cinema com o mundo que ele representa, buscando capturar aspectos da realidade de maneira autêntica.

Dessa maneira o diálogo estabelecido entre Turner (1997) e Viana (2012), evidenciam que a ideia de cinema, partindo de sua concepção inicial, busca passar uma mensagem e construir uma percepção sobre o mundo e suas relações. Estas relações estão dotadas de sensibilidade, memórias, emoções, valores e concepções. Portanto, nesse processo ocorre uma movimentação que coloca em trânsito a percepção do real e as perspectivas espaciais. Assim, tornar-se importante conceituar teoricamente o filme.

Conforme Viana (2012, p. 19):

Um filme é uma produção coletiva (da equipe de produção) que possui caráter ficcional e que repassa uma mensagem (valores, concepções, sentimentos) através de meios tecnológicos de reprodução (o cinematógrafo), que por sua vez, produzem imagens, diálogos, acontecimentos, possibilitando a montagem. Um filme é constituído socialmente, isto é, a sua mensagem, a sua forma, é um produto social, de uma determinada época e lugar.

Partindo do pressuposto de que o cinema é entendido como ilusão e tecnologia, compreende-se que os movimentos presentes em suas metanarrativas, abordam a manifestação e difusão de conceitos e elementos com os quais lidamos em nosso cotidiano. Portanto a consolidação desses elementos, permite estabelecer uma relação concreta com a Geografia.

Ferraz (2017) aponta que a construção da narrativa imagética do cinema se dá no tempo-espço, e por meio dela acontece a interação entre o espectador e as imagens em movimento. Nesse apontamento, o autor sugere que o tempo e o espaço, conceitos fundamentais nas ciências geográficas e históricas, também são essenciais para compreender o acontecimento cinematográfico.

Pimenta e Ferraz (2014, p. 90), corroboram para apontar a relação do cinema com outras linguagens e como a análise filmica pode estabelecer “novas possibilidades de abordagem e de perspectivas analíticas, tanto para a Geografia

quanto para os estudos críticos das expressões artísticas”. Desse modo, a compreensão da subjetividade e dos elementos que norteiam a essência do cinema e do fazer cinema, tornar-se importante para que possamos destacar e identificar de forma analítica suas interconexões e estabelecer o elo entre o ensino, a Geografia e as problemáticas relacionadas à questão ambiental.

Segundo Pimenta (2017), o diálogo com outras linguagens e formas de expressão além daquelas que são comumente empregadas em sala de aula, permite enriquecer as abordagens educacionais, pois cada uma delas diz as coisas de um modo ímpar e singular.

Por meio da linguagem cinematográfica, podemos compreender os fenômenos relacionados a questão ambiental, bem como as questões pertinentes ao ensino da Geografia.

O cinema como linguagem no ensino pode potencializar pensamentos e devires, pode agenciar e fazer movimentar ideias, conceitos, nos forçando a analisar diversos elementos. No contexto atual, com a dimensão cada vez mais midiática que vivemos, como já dito por Guattari (1990), é necessário buscarmos o cinema para tentar subverter as tentativas de controle que são colocadas pelos meios de comunicação, não apenas no uso do filme enquanto criação de arte, mas no uso do filme como atividade de desconstrução e identificação de seus clichês que não nos permitem pensar o novo. (Pimenta, 2017, p. 73)

Para Azevedo et al. (2015), existe uma necessidade acadêmica particular em associar os conteúdos programáticos da Geografia aos estudos de aspectos do panorama cinematográfico. Portanto, é evidente ressaltar que “o filme se apresenta desta forma como um instrumento de grande interesse, uma vez que reflete realidades ficcionadas e ficções reais a partir do ponto de vista do criador, contudo passíveis de confronto com diferentes pontos de vista” (Castro, 2013, p. 2). Mas não é só no campo escolar, universitário que a prática cinematográfica se destaca. Também na investigação científica o filme apresenta pistas de investigação

espaço-temporais, associadas a diferenciados contextos sociais, culturais e econômicos.

Com isto surgem outras possibilidades de vivificar – libertar e expandir – a geografia, tanto no que respeita às relações com o cinema como nas relações que essa área de conhecimento estabelece com as imagens para além do cinema, ou ainda nas relações que cria e inventa com o mundo, esse mundo oscilante e imprevisível no qual vivemos atualmente e que é constituído pelas imagens, através delas e com elas. Daí optarmos por nos inserirmos nele com imagens, olharmos para ele (e para nós próprios) através delas, combatermos pelas imagens, para que elas não venham a ser tomadas somente como algo que representa o mundo, mas também e sobretudo como algo que tanto faz dele matéria-prima, como é uma das matérias-primas com as quais ele, mundo, ganha existência. Mundo que, ao ser presente, é tornado sensível, e ao mesmo tempo entra em devir ao ter dobrado sobre si o insensível que as obras de arte – do cinema – capturam e nos dão a ver: o excesso de real (Azevedo et al., 2015, p. 7-8).

É preciso nesse contexto propor aos professores que ao trabalharem na perspectiva da linguagem fílmica, analisando as contribuições e elementos que a imagem em movimento traz, diante de um repertório de possibilidades, ir além do debate estético presente na teoria do Cinema e que de algum modo permeiam o âmbito das salas de aulas. Desse modo, o autor nos coloca uma possibilidade pedagógica do cinema, o de “ensinar os tipos de relações de imagens”. Mas não se restringe a isso o agenciamento do cinema no ensino de Geografia, acreditamos que o cinema tem potenciais de movimentar novas formas de vida, novos olhares, com o seu enredo.

Contribuindo para essa compreensão, acrescenta-se a estas ideias, Sousa (2016, p. 11), quando afirma que:

Introduzir um filme como recurso para explicar ou contextualizar um conteúdo de Geografia (falando especificamente da minha área de

formação) é uma situação muito comum, porém, os filmes tornam-se objetos de ilustração, e, somente a sua apresentação é considerada material de trabalho. Se não houver uma problematização sobre o que o cineasta apresentou, tornando a narrativa um conteúdo; uma discussão sobre o processo de criação do filme e suas possibilidades criativas, chamando a atenção para diversos interesses, gestos, formas, pontos de vista e de escuta; perde-se, talvez, o mais intenso que o cinema pode levar para a sala de aula: a experiência pedagógica de ver o mundo como está organizado, a autorização de inventá-lo e alterá-lo, partindo da proposta do autor para o nosso próprio olhar e escolha do que desejamos ver.

Conforme Sousa (2016), para desenvolver um trabalho pedagógico associado a um filme, que estimule a aprendizagem e propicie conhecimento, o professor não precisa ser especializado em cinema. O encontro entre o cinema e o ensino já se tornam meios de ultrapassagem dos limites de um planejamento pedagógico, tendo em vista que o cinema extrapola o limite estabelecido pelo fazer docente, pois dialoga diretamente com o estudante e suas experiências. E essa interação já pode possibilitar novos aprendizados. Nesse entendimento é importante ressaltar o cinema como território de potencialidades múltiplas, contemplando um pensamento sobre como fazer Geografia aliado a diferentes linguagens. (Pimenta; Ferraz, 2014).

Contudo no âmbito acadêmico, o uso do audiovisual enquanto elemento pedagógico e didático empregado para o ensino da Geografia, nem sempre conquista uma unanimidade.

De acordo com Castro (2013), em determinadas circunstâncias, o uso do cinema em sala de aula pode levar a uma fuga da realidade concreta.

A base ficcional do cinema levanta algumas objeções por parte dos mais puristas, por considerarem que a fuga à realidade concreta pode levar a desvirtuações fenomenológicas e cronotópicas (Azevedo, 2006b; Velez de Castro, 2015). Ainda assim o documentário poderá obedecer a uma vertente mais utilitária, porém com o espectro da visão comprometida do realizador que, aliado a uma base não científica, também será considerado geograficamente deturpante. (Castro, 2013, p 445).

Contudo no âmbito acadêmico, o uso do audiovisual enquanto elemento pedagógico e didático empregado para o ensino da Geografia, nem sempre

conquista uma unanimidade. De acordo com Castro (2013), em determinadas circunstâncias, o uso do cinema em sala de aula pode levar a uma fuga da realidade concreta.

A base ficcional do cinema levanta algumas objeções por parte dos mais puristas, por considerarem que a fuga à realidade concreta pode levar a desvirtuações fenomenológicas e cronotópicas (Azevedo, 2006b; Velez de Castro, 2015). Ainda assim o documentário poderá obedecer a uma vertente mais utilitária, porém com o espectro da visão comprometida do realizador que, aliado a uma base não científica, também será considerado geograficamente deturpante (Castro, 2013, p 445).

Para Castro (2013), a utilização do cinema na sala de aula, traz a possibilidade de inovação quanto a prática de ensino e aprendizagem, o que por vezes, pode tornar o ensino mais instigante e atraente. A autora ressalta que o uso do cinema em sala de aula, considerado enquanto proposta metodológica de ensino para a Geografia, ainda é uma construção recente, apesar do fato de que seu uso já permeia as salas de aula há tempos. Portanto, os filmes não apenas refletem valores, concepções e sentimentos, mas também constituem uma linguagem essencial.

Assim a ideia de representação do cinema não está assentada apenas na constituição de imagens, conforme nos diz Pimenta e Ferraz (2014, p. 99-100):

A imagem cinematográfica não é apenas imagem, mas uma imbricação de elementos que são somados a ela, como música, falas, sons, ruídos e silêncios, efeitos de luz, sombras, cores, entre outros elementos que constituem a linguagem cinematográfica. Essa soma produz sensibilidades diferenciadas e são organizadas a partir do objetivo do autor (quais sensibilidades ele objetiva potencializar), o que se dá, geralmente, por meio dos ângulos de filmagens, enquadramentos e tomadas, assim como pelo processo de edição e montagem.

Conforme Castro (2013), no que diz respeito a “aplicação do cinema – filme e documentário – na geografia e na educação geográfica”, é importante considerar

que são instrumentos válidos para a motivação e para a construção da criticidade e da análise de problemas sociais e territoriais.

Dessa forma, a autora considera três tipos de funcionalidade, descritas a seguir:

a) Função Investigativa – o filme pode ter um papel ativo na investigação científica em geografia, permite abordar e discutir conceitos, processos e modelos, do ponto de vista dos quadros teóricos constituídos para sustentar diversas áreas do conhecimento geográfico. Além disso pode se constituir como fonte de exploração de pesquisa, auxiliando em informações e pistas para identificar elementos teóricos que podem em segundo momento ser aprendidos na prática;

b) Função Interpretativa - nesse processo os filmes ou documentários destacam-se pela natureza de seu conteúdo, onde busca-se interpretar, analisar, identificar as categorias e conceitos geográficos de modo crítico e educativo, como os fenômenos territoriais, paisagens, lugar, espaço geográfico, entre outros. Desse modo, segundo Velez (2016), o cinema vai além da ilustração de imagens, sendo usado também para educar e engajar criticamente os estudantes para as questões geográficas;

c) Função Didática – filmes e documentários podem ser largamente utilizados como ferramentas pedagógicas para auxiliar e complementar as aulas de Geografia, sobretudo destacar também as questões ambientais em qualquer nível de ensino. Sendo assim, a função didática promove a exploração reflexiva e criativa dos estudantes, favorece uma experiência de ensino-aprendizagem mais dinâmica e envolvente indo além do papel de mero espectador.

Percebe-se que falar de cinema deixa de ser meramente falar de ficção, entretenimento ou arte, ou ainda, do ato de documentar uma verdade testada cientificamente. É importante ressaltar que a geografia não se limita meramente a

adoção de uma matriz curricular forjada na modernidade e circunscrita ao plano cartesiano, onde impera um sistema codificado de signos negociado por grupos dominantes e reconhecido como legítimo dentro de uma ordem cultural estabelecida.

Nesse contexto, a interrelação estabelecida entre a imagem em movimento do cinema e os conceitos geográficos ganham significado quando são conectados às narrativas presentes no imaginário individual. A narrativa cinematográfica que explora a história, a existência humana, ou seja, que trata do cotidiano dos indivíduos, ganha significado, quando se estabelece um diálogo com as narrativas científicas (Fioravante e Ferreira, 2016).

Desse modo, o cinema expande as possibilidades de compreensão do lugar, do ser humano no mundo, ao não se limitar a uma simples representação do real, mas ao expressar a realidade por meio de imagens. Paralelamente, as narrativas textuais, especialmente as científicas, ampliam suas perspectivas, abandonando modelos uniformes e generalizantes para se conectarem de forma mais profunda aos aspectos perceptivos e afetivos das relações humanas no cotidiano.

Dias (2021), em sua obra, “Percepção Ambiental – sincretismo, gratidão, tributo e conspiração pela vida na Terra”, nos convida a refletir sobre a condição humana e como nossa percepção não está treinada para os detalhes das mudanças e transformações dramáticas que vem acontecendo gradativamente no Planeta.

Essa percepção ambiental, sentida, discutida e esmiuçada pelo autor não é explorada em nosso sistema de ensino, tão pouco se encontra no currículo formal de nossas escolas. Para Dias (2021), a educação é alienada e alienante e não contribui para a construção da percepção ambiental, uma vez que essa educação dos currículos escolares foi estabelecida em “programações mentais por adição de informações”. Desse modo, uma educação formal orientada em centrar-se em “conteúdos e negligenciar os valores humanos”. “Muita teoria, pouca ação. Muita racionalidade cartesiana, pouca sintonia”. “Uma briga entre educação e trabalho e

educação para a cidadania, quando se precisa disso tudo, agora, acoplada as competências para se viver no século XXI” (Dias, 2021, p. 87).

Diante dessas reflexões, o autor evidencia a negligência do nosso sistema de ensino, ao mesmo tempo em que analisa como a falha de percepção humana para as questões ambientais tem contribuindo para escamotear as situações mais emergentes do planeta. Nessa perspectiva, Dias (2021) em sua defesa pujante sobre o que chama de “cutucadas de percepção ambiental”, cita o filme “Jogos de guerra” com Mathew Broderick, direção de Jonh Badham, produção de 1983, EUA.

O filme expõe o risco de uma deflagração de uma guerra nuclear, tendo em vista que se descobre uma brecha no sistema de segurança norte-americano. E, a partir daí um garoto acreditando se tratar de um jogo, entra por acaso nos sistemas de defesa dos Estado Unidos e termina por muito pouco a desencadear um ataque real a Rússia.

Essa produção cinematográfica citada pelo autor é capaz de enriquecer e aticar nossa percepção, e voltar a análise para os aspectos geográficos e seus desdobramentos nos campos geopolítico, cultural, econômico e ambiental, uma vez que foca em questões beligerantes. Ao promovermos um diálogo entre Pimenta e Ferraz (2014), Dias (2021), Castro (2013), Turner (1997) e Viana (2012), compreendemos nesse aspecto que o cinema é fundamental para o pensamento geográfico atual, pois a partir de uma leitura de seus processos criativos é possível vislumbrar o poder dos referenciais imagéticos na elaboração de uma análise socioespacial.

O cinema tem uma maneira única de instaurar a realidade imagética, dependendo da interação do observador com o filme, tornando-se um meio privilegiado para narrar a experiência humana e produzir uma memória individual e coletiva. Portanto, conforme nos traz Ferraz (2005, p. 5010), a força geográfica do cinema é capaz de estabelecer os fundamentos para uma nova percepção do mundo, quiçá uma percepção ambiental, pois “nos educa pedagogicamente para o mundo

dos fragmentos, dos detalhes, de partes separadas que se colocam num mesmo ponto e de unidade aparente fruto da velocidade alienante do nosso dia-a-dia”.

3. AS CONTRIBUIÇÕES PEDAGÓGICAS DO CINEMA PARA EDUCAÇÃO

Na atualidade, a mídia exerce uma influência poderosa sobre a população. Ao considerarmos os mais de cem anos de existência do cinema, podemos observar diversos movimentos com diferentes níveis de produtividade, bem como inúmeras invenções destinadas a aprimorar os processos de elaboração, produção, filmagem, apresentação e distribuição de filmes.

Conforme Fabris (2008) em 1936, Roquete Pinto já antecipava a função pedagógica dos meios de comunicação de massa. No entanto, ele não poderia prever que, mesmo após a universalização da educação esses meios desempenhariam um papel central na vida de todos, não apenas daqueles sem acesso à escola.

Dentro da proposta educacional, cabe à escola proporcionar espaços para o tratamento destas informações por meio do professor, que vêm utilizando as tecnologias na construção do conhecimento e algumas vezes sem um aprofundamento maior como é o caso do uso de filmes no ensino-aprendizado.

Uma das formas de ensinar a Geografia estimulando a criatividade do aluno, instigando a crítica de maneira significativa e lúdica, é utilizar recursos audiovisuais, que são recursos que fazem parte do cotidiano e vivência dos alunos. Entre os recursos audiovisuais pode-se destacar documentários, programas televisivos, filmes, desenhos animados entre outros.

O cinema e a televisão surgiram em épocas de lutas políticas econômicas, sociais e culturais. Como recurso didático, vêm sendo motivos de estudos e críticas desde o início do século XX. Atualmente os filmes estão cada vez mais presentes na vida de jovens e crianças. Por meio das novas tecnologias, o acesso às informações chega cada vez mais rápido, tornando-se assim, interessante e indispensável o uso destas tecnologias a favor da educação.

É importante trazer este cotidiano para dentro da sala de aula. Eles servem como um elo entre a sociedade e suas problemáticas vivenciadas em qualquer parte do mundo, estimula o aluno a aprender e refletir de forma contextualizada e prazerosa, despertando o interesse e motivação para aprendizagem em Geografia, como em diversas disciplinas.

O filme é um produto mercadológico carregado de perspectivas ideológicas a partir de quem o faz. Há espectadores que criticam ao enxergarem as mensagens implícitas, como há o espectador que aceita suas mensagens explícitas como única realidade. É necessário desenvolver uma leitura de imagens, aprender a enxergar o que está implícito. A alfabetização cinematográfica possibilita ao aluno o desenvolvimento de um olhar mais crítico acerca da realidade midiática.

Para Eisenstien (2002), a linguagem cinematográfica é uma linguagem universal, pois é uma forma essencial de expressão. Ela abrange elementos como os diferentes planos, ângulos e movimentos de câmera, além das técnicas de edição, o uso da luz, trilhas sonoras, silêncio e outros detalhes que compõem o universo cinematográfico. Esses elementos formam um vocabulário próprio, com suas próprias sintaxes, flexões, elipses, convenções e gramática imagética. Através da articulação desse léxico, os diretores/criadores de cinema podem transmitir suas ideias e mensagens aproveitando a abrangência dessa linguagem.

Portanto, os filmes são produções que combinam imagens em movimento, técnicas de filmagem e montagem, processo de produção, personagens, e roteiro que desencadeará a materialização de uma história, daí esse processo resulta em um sistema de significados e símbolos, que passam a conceber a linguagem cinematográfica como algo que transcende fronteiras geográficas e culturais para estabelecer comunicação.

São histórias que nos impactam intensamente, pois não apenas nos proporcionam prazer, sonho e imaginação, mas também mexem com nosso inconsciente e desafiam as fronteiras entre realidade e ficção. Quando afirmamos

que o cinema cria um mundo ficcional, devemos entendê-lo como uma maneira pela qual a realidade se apresenta.

Em outras palavras, o cinema é uma forma de expressão que nos permite vivenciar uma realidade inventada, mas que pode ter um impacto profundo em nossa compreensão e experiência do mundo real.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura final desta reflexão considera que o alinhavo entre Geografia, Cinema e meio ambiente contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico, promoção da expressão e comunicação, favorecimento de uma visão interdisciplinar, integração de diferentes capacidades e inteligências e valorização do trabalho em grupo (Shewbridge; Berge, 2004).

Compreendemos que o cinema está relacionado à nossa identidade e nos faz pensar sobre a importância da linguagem fílmica em sociedade. Em nossa cultura, a linguagem escrita é de grande valia, conhecer e dominar as diversas obras literárias e seus autores, que contribuem para o exercício da análise, interpretação, compreensão e desenvolvimento crítico. Mas ler fotos, imagens, assistir filmes, vídeos e analisá-los é um universo complexo que deve ser explorado enquanto potência educativa.

Nessa perspectiva, filmes e vídeos, enquanto produto audiovisual, devem ser compreendidos como o sinal final de um processo criativo artístico, além de seu uso instrumental repleto de intencionalidades, atravessamentos culturais e sociais.

Portanto, conclui-se que a linguagem fílmica possui a capacidade de potencializar e de despertar compreensões acerca de diferentes contextos, ampliando assim a experiência de ensino aprendizagem no contexto da Geografia.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, A. F. de.; RAMIREZ, Rosa C.; JUNIOR, W. M. de O. **Introdução: intervalo(s) entre geografias e cinemas**. 2015. Disponível em: <https://www.redekino.com.br/wp->

content/uploads/2016/05/Intervalo_Entre_Geografias_e_Cinemas.pdf. Acesso em: 30 mar. 2022.

CASTRO, F. V. de. **Emigração, identidade e regresso(s)**. A visão cinematográfica dos percursos e dos territórios. 2013. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Fatima-Velez-De-Castro>. Acesso em: 15 out. 2023.

DIAS, G. F. **Percepção Ambiental**: sincretismo, gratidão, tributo e inspiração pela vida na Terra. 1. ed. Brasília, 2021.

DUARTE, R. **Cinema & educação**: refletindo sobre cinema e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

EISENSTIEN, S. **A forma do filme**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. Disponível em: https://monoskop.org/images/5/5f/Eisenstein_Sergei_A_forma_do_filme_2002.pdf. Acesso em: 13 fev. 2021.

FABRIS, E. H. Cinema e Educação: Cinema e Educação: um caminho metodológico. **Educação & Realidade**, p. 117-134, jan./jun., 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277158628_Cinema_e_Educacao_um_caminho_metodologico. Acesso em: 9 abr. 2022.

FERRAZ, C.B.O. Literatura e Cinema. Espaço/Tempo entre palavras e imagens. **Raído**, Dourados, MS, v. 11, n. 28, jul./dez. 2017, n. especial - ISSN 1984-4018. p. 41-64. Disponível em: (PDF) Literatura e cinema - espaço/tempo entre palavras e imagens. Acesso em: 05 fev. 2024.

FERRAZ, C.B.O. Walter Benjamin: seu pensamento e a Geografia. In: Encontro de Geógrafos da América Latina, 10. De 20 a 26 de março de 2005, Universidade de São Paulo/USP, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: USO, 2005, p. 5003-5026. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Teoriaymetodo/Pensamientogeografico/03.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2024.

FIORAVANTE, K. E.; FERREIRA, L. F. G. Ensino de Geografia e Cinema: perspectivas teóricas, metodológicas e temáticas. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 6, n. 12, p. 209-233, jul./dez., 2016. Disponível em: <https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/360>. Acesso em: 20 jan. 2024

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

MARINHO, J. P. da S.; SANTOS, R. R. dos. Cinema e Geografia – Possibilidades de Um Diálogo: O Uso De Filmes Como Metodologia Alternativa Para O Ensino-Aprendizagem. In: ENCONTRO REGIONAL DE ENSINO DE GEOGRAFIA E 3º WORKSHOP DE CARTOGRAFIA E NOVOS LETRAMENTOS, 7. 2021, Universidade de Campinas/Unicamp, Campinas/SP. **Anais [...]**. Campinas: Unicamp, 2021, p. 337 - 346. Disponível em: <https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/ereg/article/view/3688/3559> Acesso em: 17 jul. 2024.

PIMENTA, T. A. de S. O ensino de geografia na relação entre cinema e a questão ambiental. **Entre-Lugar**, Dourados, v. 8, n.15, p. 66-77, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/326952211_O_ensino_de_geografia_na_relacao_entre_cinema_e_questao_ambiental. Acesso em: 28 jan. 2024.

PIMENTA, T. A. de S.; FERRAZ, C. B. de O. Geografia e Cinema: encontro entre linguagens – imagem e palavra. **Entre-Lugar**, [S. l.], v. 5, n. 10, p. 89–105, 2014. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/entre-lugar/article/view/5134>. Acesso em: 6 jan. 2024.

SOUSA, C, L. de. **O Cinema e a Geografia nos filmes-carta do projeto “Inventar com a diferença”**. Rio de Janeiro. 2016. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://cinead.org/wp-content/uploads/2021/04/dCICERO-LUIS-DE-SOUSA.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2022.

SHEWBRIDGE, W.; BERGE, Z. L. The Role of Theory and Technology in Learning Video Production: The Challenge of Change. 2004. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/234559877_The_Role_of_Theory_and_Technology_in_Learning_Video_Production_The_Challenge_of_Change. Acesso em: 22 maio 2022.

TURNER, G. **Cinema como prática social**. São Paulo: Summus Editorial, 1997. Disponível em: [pdfcoffee.com_cinema-como-pratica-social-graeme-turner-pdf-pdf-free.pdf](https://pdfcoffee.com/cinema-como-pratica-social-graeme-turner-pdf-pdf-free.pdf). Acesso em: 17 jul. 2024.

VIANA, N. **Cinema e Mensagem: análise e assimilação**. Porto Alegre: asterisco, 2012.